

5

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo desenvolver uma análise sobre a presença de militares do segmento feminino em um determinado efetivo do Exército Brasileiro e entender sobre quais condições materiais e simbólicas se dá a atuação dessas profissionais nesse ambiente.

Na busca de concretizá-lo, optamos pelo estudo com base nas relações de poder e gênero existentes no ambiente castrense. Nossa intenção com isso foi de identificar as possíveis estruturas objetivas e subjetivas que permeiam tais relações, visando conhecer se a instituição produz ou reproduz diferenças de gênero e, em caso afirmativo, como elas seriam apropriadas dentro da lógica militar.

Na escolha do tema para a pesquisa, consideraram-se como pressupostos a divisão sexual do trabalho no Exército que ainda resiste como herança das relações sociais patriarcais, ainda hoje estabelecidas em nossa sociedade, e como consequência desta herança, ocorreria a naturalização de controle do masculino sobre o feminino através das relações de poder assimétricas entre homens e mulheres.

A idéia da organização militar como um campo de poder decorre de suas características peculiares, como seus sistemas de diferenciação e suas formas de institucionalização, que influenciam diretamente nas estratégias de poder traçados pelos agentes que agem nesse campo.

Quanto ao problema levantado para nortear este estudo: sobre a existência ou não de fatores intrínsecos às experiências vivenciadas por homens e mulheres no ambiente de trabalho militar, acreditamos que ficou claro no decorrer do processo de investigação, que entre o ato de perguntar e o momento de interpretar o que foi respondido, outros questionamentos e novas propostas de investigações emergiram.

No que tange ao observável no campo de pesquisa, no transcorrer da interpretação do material obtido, é possível afirmar que a organização pesquisada, embora possua mulheres em sua força de trabalho, ainda mantém as relações de poder construídas pela lógica patriarcal binária, em que o masculino e o feminino se constroem na oposição um ao outro.

Como visto em nossas análises anteriores, algumas estudiosas do feminismo buscam desmontar a referida lógica das oposições binárias do pensamento tradicional (Scott, 1995), evidenciando que estas são históricas e socialmente construídas.

Ao lado da proposta de desconstrução, está a de construir a lógica da diferença como elemento positivo, pautado na identidade e não na desigualdade. O que se busca é demonstrar que homens e mulheres possuem diferenças, e que essas diferenças podem estar presentes, tanto em um, quanto no outro e, portanto, ambos podem ser equivalentes.

Os depoimentos do(a)s militares entrevistados(as) permitiram conhecer as percepções sobre o ingresso e a integração das mulheres no Exército, relembrar os primeiros contatos com as pioneiras, além de possibilitar a identificação de alguns focos de tensão no relacionamento entre homens e mulheres no universo militar nos dias de hoje.

De uma forma geral, a opinião dos militares de ambos os sexos sobre o ingresso das mulheres no Exército brasileiro deve ser considerada como uma experiência positiva e bem sucedida, havendo um reconhecimento da sua contribuição como profissionais no trabalho cotidiano, bem como uma sensação de “humanização” da própria organização, trazendo uma dose extra de civilidade aos ambientes masculinos, o que inclui um linguajar menos duro e comportamentos menos autoritários.

Porém, de acordo com a interpretação dos dados obtidos, também se observou à existência de duas linhas de pensamentos que vão de encontro com a afirmação e, ainda que de forma bastante tênue, se entrecruzam em diversos momentos no cotidiano organizacional, causando ora avanços e outrora retrocessos nestas relações profissionais.

Em uma dessas linhas de pensamento é possível constatar que a interação entre os militares do segmento masculino e feminino hoje, em algumas organizações militares do Exército Brasileiro, já apresentam sinais de transpor as barreiras invisíveis de certa visão simplista para a qual homem seria um ser predestinado a dominar e a mulher a ser dominada. Logo é possível afirmarmos que nestes espaços em que as mulheres militares já são capazes de articular, negociar e contestar suas

relações de acordo com os interesses em jogo, ainda que não signifique necessariamente serem realizadas em pé de igualdade, se comparadas aos militares do segmento masculino.

A segunda linha de pensamento decorre da própria cultura institucional, norteada por princípios masculinizantes, que de forma direta ou indireta, constroem através dos discursos dos homens, e também das próprias mulheres militares, a naturalização das diferenças biológicas.

O que se percebe é que embora não haja uma política organizacional explícita de aproveitamento das mulheres, e sim a existência de normas e regulamentos que garantem às mesmas condições de oportunidades e igualdade, o tratamento para ambos os sexos não é o que se constata na prática.

Teoricamente, então, são franqueadas as mulheres à possibilidade de seguir um percurso igual ao dos homens na evolução hierárquica de suas carreiras, porém a organização apresenta nitidamente a segmentação dos postos de trabalho, o que resulta na construção de “guetos” ou “nichos” femininos e masculinos de ocupações.

Em alguns discursos dos próprios militares, sejam eles do segmento masculino ou feminino, a busca pela homogeneidade dos campos de trabalho, ainda é um assunto bastante controverso e em suas falas é possível perceber pontos contraditórios sobre o limite da atuação feminina na caserna. Este é o caso da inclusão feminina em atividades de cunho operacional, como as atividades de combate e de guerra, onde as discussões giram em torno de permanecer ou não como atividade majoritariamente masculina.

As razões para a interdição dessas atividades às mulheres passariam pela ausência de infra-estrutura para abrigá-las, pela sua falta de força e resistência físicas para desempenhar atividades de extrema exigência corporal e principalmente pela incompatibilidade os cuidados familiares e as exigências profissionais da vida militar.

Uma consequência disto é a formação de dois universos paralelos. De um lado as mulheres que tentam a todo custo se firmar como iguais aos homens, demonstrando em todas as suas ações suas capacidades profissionais e ao mesmo tempo tentando garantir e reafirmar suas singularidades e diferenças do universo masculino. Do outro lado estão os homens, que apesar de negarem qualquer tipo de

desigualdade de tratamento, insistem diariamente que as mulheres comprovem que são de fato tão capazes quanto os homens, mas são categóricos em afirmam que não acreditam que homens e mulheres possam desempenhar atividades similares nas Forças Armadas. Essa linha de pensamento masculino está fundamentada na idéia de que cada qual – homens e mulheres – devem ocupar os postos de trabalho segundo a sua natureza.

À medida que a divisão sexual é aceita e reiterada na organização, os espaços masculinos e femininos são diferentemente planejados, sendo essa uma das formas de materialização das desigualdades de gênero.

Contudo, há que se destacar ainda que, as mulheres além de vivenciarem desigualdades nas condições de ocupação de funções na instituição, que basicamente se restringem as de cunho administrativos, também não concorrem em condições de igualdade ao desenvolvimento de suas trajetórias profissionais se comparadas aos homens.

Embora as mulheres ainda não possam ocupar cargos de comando, já que não se passou tempo suficiente para que as primeiras a ingressar na caserna tenham atingido patentes mais elevadas, elas nunca atingiram a graduação máxima de um Oficial do sexo masculino formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, que é a de General de Exército, uma vez que a maior posição ocupada dentro da estrutura hierárquica do Exército brasileiro permitida a uma Oficial de carreira, é a de General de Brigada.

Contudo, apesar de todos os percalços e dificuldades encontrados, as Oficiais se mostram satisfeitas com a decisão de abraçar a carreira militar e principalmente pela opção pelo Exército e, de forma veemente, reforçam que se necessário fosse, repetiriam a opção. O que de um modo em geral, nos faz refletir que, o estranhamento maior entre as mulheres militares e a instituição Exército brasileiro parece em muitos pontos encontrar-se em processo de superação.

Porém, diante de toda a bagagem decorrente das diversas leituras e reflexões realizadas, compreendemos que a temática de gênero é, ainda, uma discussão complexa, pois implica desconstruir concepções, comportamentos, valores e relações sociais que são indevidamente considerados “naturais”. Trata-se de discutir

fundamentalmente as relações sociais de desigualdades entre homens e mulheres e, em contraponto, as lutas protagonizadas pelas mulheres, em reivindicação a seus direitos.

Com o presente estudo desejou-se contribuir para possibilitar uma transformação através da qual as diferenças sejam respeitadas, valorizadas e consideradas caminhos de crescimento e enriquecimento recíproco nas relações homem-mulher no Exército Brasileiro. Destacamos aqui a importância do empenho feminino na manutenção do equilíbrio na relação de gênero, com base na crítica da cultura patriarcal enquanto instrumento de dominação, que supervaloriza o masculino em detrimento do feminino.

Ressaltamos que as informações recolhidas nos depoimentos dos entrevistados não podem ser generalizadas para todos os militares. Indicam, entretanto, tendências de opiniões e percepções sobre os processos em análise, resultado esperado e desejável em pesquisas qualitativas (Beaud & Weber, 2003).

Além disso, cabe ressaltar que as diferenças de percepção sobre relações de poder e gênero pelos militares entrevistados não permitiu tecer hipóteses mais acabadas em termos de diferenças de geração, de pertença familiar ou racial. Estas foram questões que se mostraram bastante menos presentes e relevantes para os entrevistados quando comparadas às diferenças de gênero e poder *stritu senso*.

Sem a pretensão de ter esgotado os diversos ângulos de análise que as informações obtidas durante a pesquisa, esperamos ter contribuído para o debate sobre as relações estabelecidas entre homens e mulheres militares no desempenho de suas atividades, através de uma aproximação ao tema da inserção das mulheres no Exército Brasileiro.

Ao se chegar ao fim deste trabalho, fica evidente então, que a instituição pesquisada pode ser caracterizada como um campo fértil para novas pesquisas, vez que, dependendo do recorte, não são muitas as publicações e pesquisas realizadas e divulgadas até o momento.

Certamente percebemos a necessidade de outros estudos que venham a complementar os achados da presente pesquisa. Dentre as muitas possibilidades de futuras pesquisas derivadas desta, identificamos:

- Tendo em vista que, com o passar dos anos cada vez mais mulheres militares chegarão às altas posições de comando e que o critério da hierarquia no Exército Brasileiro determina que cada militar desempenhe uma determinada ocupação, em detrimento de sua patente, isto tornaria as organizações militares do Exército mais permeáveis a ascensão feminina aos cargos de poder do que as organizações civis?
- Quais as diferenças percebidas em termos de comportamento, discurso, organização, postura, e exercício do poder entre mulheres e homens militares que desempenham uma mesma função?

Finalmente, acreditamos que este trabalho propiciou principalmente a seguinte reflexão: as questões de gênero somente poderão caminhar para uma relação simétrica e de alteridade (reconhecimento da diferença como forma de construção da equidade) se o entendimento entre o masculino e o feminino for resultado de uma mudança conjunta, integrada e efetiva nas relações entre os sexos.